

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		PORTO—1 DE OUTUBRO DE 1880	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		N.º 13
	(REINO)			(ESTRANGEIRO)		
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700 "		Semestre.....	1200 "	
Anno.....	13400 "	ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 128	Anno.....	25400 "		

O benemerito Cabo Simão

Fui rogado pelo illustre proprietario do «Bombeiro Portuguez», e meu muito prezado amigo Cruz, para escrever a biographia do meu subordinado, o cabo Simão. Este pedido tinha uma razão a justificar-o: era uma certa convivencia e conhecimento que tenho de muitos annos do biographado, e o meu amigo vêr n'isto motivos para melhor poder apresental-o à consideração do publico, no jornal, dedicado à classe a que os tres pertencemos.

Não me lembrei porem na occasião, nem da pobreza da minha penna, nem da grandeza do compromisso que ia estabelecer, e comprometti-me a traçar a biographia do homem. Arrependo-me hoje da minha leviandade; mas como quem promete deve cumprir, eu vou satisfazer como sei e posso ao meu compromisso, agradecendo desde já a honra que me foi dada de occupar com a minha prosa algum espaço d'este sempre bem redigido jornal.

Para que o nome d'uma nação seja riscado do mappa do mundo, é preciso que n'ella acabem os heroes.

Não se cansam uns certos pessimistas de dizer, que o pequeno Portugal está fatalmente condemnado a perder a sua independencia. Eu não o creio; e não o creio, porque n'este canto do occidente, n'este pequeno mas honrado paiz, ainda existe uma raça de homens, que não vivem só de tradições; que, se recordam o passado, não é só para lastimar a perda

dos heroes, que immortalisaram Portugal, mas tambem para os imitar.

Que existiram n'este seculo prova-o a heroica e gloriosa resistencia offerecida por este povo, quasi desarmado então, ao mais aguerrido exercito do grande Napoleão;—e prova-o ainda mais recentemente a gigantesca lueta de 1832. Que hoje ainda os ha, demonstra-o á evidencia os acontecimentos de todos os dias.

Aquelle de quem vou fallar, é um valente, que que tem dedicado a melhor parte da sua vida à salvação dos seus semelhantes. Tem praticado acções de extraordinaria bravura, e de grandioso heroismo. O que elle tem feito para a salvação da vida dos homens, fal-o-hia, com a espingarda na mão, para conquista da independencia da patria.

Em quanto houver d'estes homens, não será facil riscar do mappa das nações livres a autonomia d'um povo.

Simão da Costa Neves, esse obscuro filho do povo, tão sympathicamente conhecido hoje entre nós pelas suas acções de verdadeira humanidade, é filho legitimo de Manoel José da Costa, já fallecido, natural da freguezia de Santo Ildelfonso, d'esta cidade, e de Maria de S. João, natural de Lisboa, ainda viva e residente no Porto.

O pae do cabo Simão era mestre pelliqueiro, e dos mais considerados artistas do seu tempo. Quando o bravo duque de Bragança, o sempre lembrado D. Pedro IV aportou com a expedição dos refugiados da Terceira às praias do Mindello, o animo impetuoso e os sentimentos liberaes do honrado mestre pelliqueiro não lhe permittiram ficar de braços cruzados, quando se tractava da liberdade do seu paiz. Sentou praça



D'uma photographia do sr. Paulo de Sousa Pereira

como voluntario no regimento de infantaria 3, assistiu aos mais sangrentos ataques do cerco ao Porto, e n'este mesmo regimento fez parte da divisão auxiliar á Hespanha em 1833, debaixo do commando do valente conde das Antas, sendo por elle promovido ao posto de alferes, e condecorado por actos de bravura praticados n'aquella expedição, onde os portuguezes tanto se distinguiram.

Terminada a guerra, despiu a farda de voluntario e voltou á sua officina de trabalho. Em 1846, quando as provincias do Norte, seguindo o grito revolucionario do Porto, se erguiam como um só homem contra o governo de Costa Cabral, o pae de Simão da Costa Neves, abandona outra vez o trabalho e a familia, e alista-se n'um dos batalhões de voluntarios do Porto; fez toda a campanha d'essa infeliz e hoje menos justificada revolução, e foi dar consigo a Torres Vedras, sendo gravemente ferido e prisioneiro.

Voltando a casa, encontrou-se com a saude alquebrada, e um peculiosinho relativamente importante que tinha adquirido pelo seu trabalho, completamente exaurido. Pouco depois morreu, deixando a familia a braços com a miseria.

Demorei-me um pouco com a vida do pae de Simão, para mostrar que o filho descende d'um homem tambem dotado de animo esforçado e valoroso.

Este aos 17 annos fugiu á mãe, que lhe tozava bem tozado o genio irrequieto, e foi sentar praça no regimento de infantaria n.º 5, passando mais tarde a caçadores 11, na ilha Terceira, e tendo requerido passagem a caçadores 1, em Setubal, alli se encontrava quando este batalhão recebeu ordem para recolher a Lisboa para embarcar para a India, a fim de combater a revolta militar da guarnição d'aquelle estado. Lá foi para a India na corveta *Estephania*, e tendo alli concluido o seu tempo de serviço, só veio embora quando o seu batalhão regressou a Lisboa.

Não sei o que fez pela India; o que sei é que trouxe a medalha de bom comportamento, e não é pouco.

Obtendo baixa do serviço militar, veio para o Porto, sua terra natal, empregando-se a trabalhar ora a bordo dos vapores, ora nos barcos de passagem, etc. mas tendo saudades da farda, lá foi em 1871 alistar-se como soldado na companhia de incendios de Villa Nova de Gaya onde tem o importante posto de cabo da 2.ª secção.

Como bombeiro, não se lhe tem proporcionado occasião de mostrar se será tão valente no fogo como o é na agua. Mas a mim não me resta duvida de que se elle alguma vez sentir o *cheiro de carne assada*, será capaz de ir augmentar esse cheiro com a sua propria carne. Digo isto por um facto que já se deu com elle e que eu presenciei n'um incendio, ha perto de dous annos, em Villa Nova de Gaya, na fabrica do sr. Angelo da Silva Macedo, proximo da Afurada; facto que aqui deixo de descrever para não alongar este meu escripto.

Mas effectivamente, a agua é o seu elemento.

Do seio do rio Douro, que lhe tem dado vasto campo para praticar os seus grandes actos de heroismo e abnegação, tem elle arrancado, para as restituir á vida *quarenta e tres pessoas!*

Por vezes tem visto a morte perto, e se é certo o adagio de que tantas vezes vae o cantaro á fonte que de resto lá fica por uma vez partido, elle um dia tambem lá fica agarrado por algum naufrago, e não ha de ter quem corra a salvá-lo, porque os *Simões* d'este genero infelizmente não abundam.

Uma occasião estava elle da outra banda, na praia do Torrão onde actualmente dá banhos e ensina a nadar, no que é mestre exímio, e ouvi gritos do lado de cá, na Corticeira. Lança-se vestido á agua, atravessa o rio na sua maior largura, e consegue chegar á outra margem a tempo de salvar dois naufragos que já agonisavam desesperados. Lucta com elles corajosamente para ficar com os movimentos desimpedidos, e com muito risco de ir para o fundo agarrado a elles, consegue trazel-os salvos para terra.

No mais encarniçado d'aquella desesperada lucta, um dos salvados deu-lhe uma tão grande mordedura, que o pobre Simão ainda hoje mostra n'um braço a indelevel marca.

Por occasião do desabamento dos Guindaes, alguns dias depois d'este lamentavel acontecimento, um carrejão embriagado, seguindo pela margem obstruida pelos penedos, tropeçou e cahiu ao rio. Simão, que parece andar sempre a farejar as victimas do Douro, para as salvar, achava-se só n'um barquito seu a meio do rio. Eram duas horas d'uma noite bem medonha de chuva e temporal. Elle ia para o grande incendio da rua do Sacramento em Villa Nova de Gaya, e estava vestido com o seu fardamento de bombeiro. Ao ouvir o choque d'um corpo na agua, lançou-se ao rio esquecendo-se de despir o casaco de oleado, e de tirar as pesadas botas do serviço. Devido a estas circumstancias, e á tenacidade da lucta que sustentou com o carrejão, esteve muito tempo na agua, e prestes a afogar-se. Apezar d'estas contrariedades, veio salvo para terra, trazendo consigo o naufrago, e alguma coisa mais... um furioso ataque de reumatismo agudo, que o teve quatro mezes prostrado na cama, e ás portas da morte.

Por essa occasião requereu á camara de Gaya um subsidio qualquer entretanto que não podesse trabalhar, baseado n'uma disposição do Codigo Administrativo ainda em vigor, para attenuar a sua precaria situação; e a camara foi magnanima — deu-lhe tres mil réis!

A patria paga sempre bem aos que melhor a servem.

Tambem não admira, porque um sugeito bem remediado que mora ao fundo da rua da Madeira, e cujo nome não cito para o não envergonhar, e a quem Simão salvou d'uma morte certa na praia do Torrão, gratificou-o com a quantia de 50 réis, dizendo-lhe que era para *matar o bicho*. D'estas boas pagas tem elle tantas, que se o seu mobil fosse o interesse, ha muito que se não lançaria ao rio para acudir ao seu semelhante.

As duas ultimas pessoas que salvou foram o sr. Agostinho Gonçalves Leão, caixeiro do sr. Ferreira, bem conhecido negociante de papel em S. Domingos, e um procurador cujo nome ignoro. Aquelle a 15 de agosto, e este a 2 de setembro do corrente anno. O primeiro já tinha vindo ao lume d'agua pela terceira vez, indo Simão salvá-lo a uma profundidade de mais de 10 braças. Esteve tão arriscado, que se lhe não deitam uma vara onde se pôde agarrar com o naufrago ás costas, de certo que em vez de uma seriam duas as victimas.

O peito do cabo Simão é adornado com quatro gloriosas medalhas, e poucos haverá ahi que as possam ostentar com mais legitimo orgulho. Duas são da Real Sociedade Humanitaria, outra de D. Maria 2.ª, concedida ao merito, philantropia e generosidade; e a ultima, de bom comportamento militar. É bonito; mas

mais bonito fôra que estas medalhas tambem lhe podessem *adornar* o bolso com alguns vintens para elle poder sustentar a mulher e os filhos, a quem não poucas vezes falta o pão de todos os dias.

O factio mais notavel da vida gloriosa de Simão e que elle não conta sem grande enternecimento, no que revela a bondade da sua alma, deu-se na cheia de 1875.

O Douro, furioso, galgou as margens. Nos pontos baixos da cidade o transito ficára interrompido. Para facilitar as communicações, a camara mandára collocar pranchas, que davam accesso do fundo da rua de S. João para as escadas de Cima do Muro.

Na occasião de mais concorrência, um dos cavaletes que seguravam as pranchas quebrou, e toda a gente que passava, 36 pessoas, cahiu ao rio. Simão, que estava do lado de Cima do Muro a receber as passagens d'uma prancha particular, atirou-se ao rio junto com mais alguns companheiros maritimos, e só elle consegue salvar 7 pessoas!

Voltou para terra, alegre pela grande acção que acabava de praticar, e dispunha-se socegradamente a ir mudar de roupa, quando ouviu gritos dolorosos.

Partiam d'uma mulher a quem salvára e que na occasião em que cahiu á agua, perdêra um filhinho de tenra idade que levava ao collo. Simão, ouvindo as tristes queixas da mãe afflicta volta ao seio das aguas, e só de lá sahiu, quando tendo encontrado a innocente creança, a veio restituir ainda viva aos carinhos da consternada mãe.

As pessoas que presenciaram este sublime espectaculo, saudaram o salvador com o maior enthusiasmo; muitas choraram de alegria, e algumas mulheres chegaram a chamar-lhe santo.

Este heroe, n'um paiz onde se soubesse premiar melhor a abnegação e a coragem, e onde se tivesse em melhor conta o estimulo pelos actos de verdadeira humanidade, já teria ha muito um subsidio dado pelo estado, que lhe garantisse a subsistencia e a dos filhos, porque Simão é pae de quatro.

Em Portugal, um homem tão benemerito como este, só tem algumas medalhas, que põe ao peito com orgulho, mas que infelizmente não lhe dão pão.

Terminando este já bem enfadonho trabalho biographico, aprez-me dizer que o cabo Simão tem pessoas muito amigas na alta sociedade do Porto e Villa Nova de Gaya, as quaes não poucas vezes lhe teem valido nas frequentes difficuldades da sua attribulada vida. Uma d'estas é o sr. Eduardo Mozer, por iniciativa de quem lhe foram dadas as duas medalhas da Real Sociedade Humanitaria, acompanhadas na occasião de algumas quantias pecuniarias e quem, segundo me diz o mesmo Simão, anda empenhado em lhe conseguir a nobilissima medalha da Torre-Espada, e um subsidio pecuniario permanente, com sobrevivencia para a familia. Oxalá que este notavel cavalheiro consiga tão grandiosa idéa, que ao mesmo tempo que nos demonstrará a grandeza de sua alma, evitará tambem que se diga que n'este paiz só ha ingratidão para com os homens de real merecimento.

Eu pela minha parte estou á espera de occasião opportuna para mostrar ao cabo Simão que tambem lhe aprecio os seus feitos, dando-lhe os galões de segundo sargento da corporação a que pertence, e de que sou humilde chefe.

E' pouco, mas não está mais na minha mão, nem na minha alçada.

E. C. Santos.

AS COMPANHIAS DE SEGUROS

Devem ou não as companhias de seguros subsidiar pecuniariamente as corporações d'incendios?

A resposta a esta pergunta é immediata — Devem.

Cumpra, porém, que se dê uma razão clara e convincente porque as corporações d'incendios devem merecer as mais serias attentões das companhias seguradoras.

As companhias de seguros contra fogo defraudam consideravelmente os seus capitaes, quando teem de indemnizar os proprietarios cujos predios foram damnificados ou destruidos, e claro é — que o accionista, longe de receber um devidendo rasoavel, embolsa apenas um juro diminuto, que o não satisfaz.

Se, por occasião d'um sinistro, as corporações encarrregadas de acudir e trabalhar na sua extinção, possuirem os aprestes indispensaveis para atacarem e vencerem, os prejuizos são menores, e as companhias seguradoras desembolsam uma quantia insignificante.

Isto é tão claro, que nem era preciso bordar sob a forma d'um artigo considerações tendentes a demonstrar a vantagem que alcançam as companhias de seguros, protegendo as corporações d'incendios, e dotando-as com o material de que ellas carecem para fazerem um serviço completo.

Com franqueza: lucrando o accionista com a falta d'incendios ou com a pequena importancia d'elles, é para extranhar que, n'uma reunião d'assembleia geral, não houvesse ainda um, um só, que pugnando pelos seus interesses, por igual pugnassem pelos dos outros accionistas.

Uma companhia de seguros vive e progride, se os capitaes affluirem, e se a receita for grande e a despesa pequena. Isto succede com todas as sociedades anonymas. Necessariamente, e por um principio economico que toda a gente sabe, mesmo sem ninguem lh'o ensinar, quanto menos se gastar, mais ha! Ora, tendo todos os proprietarios (como toda a gente que não tem essa felicidade da vida social) ambições sempre crescentes, pasma que nenhum d'elles, para augmento do seu bolso, tenha contribuido com os seus exforços para que seja menor e de menos gravidade a causa que, incidentemente, lhe affecta os seus interesses.

Nós não estamos como nos Estados Unidos e em alguns paizes americanos, onde, segundo se refere, as companhias de seguros teem no seu pessoal de empregados uns *incendiarios*, cujo mister é, como se deprehende do nome que os designa, deitar fogo ás propriedades. Lá, as companhias valem-se d'este meio para augmentarem os seus capitaes, porque — raciocinam — se não houver incendios que devorem as propriedades, os donos d'ellas descuidam-se e não as seguram.

Aqui é justamente o contrario — As companhias não mandam deitar fogo ás casas, para obrigarem os proprietarios a segurarem e entrarem com a annuidade estipulada — os proprietarios é que se dão a esse trabalho, em horas de adversidade commercial, para extorquirem ás companhias o capital que não podiam adquirir.

Entre nós, as companhias seguradoras, ao contrario das americanas, prosperam quando os incendios são poucos ou causam prejuizos insignificantes. E essa

prosperidade ha de fatalmente realizar-se quando os balanços apresentem uma pequena conta de despeza.

Por exemplo: uma companhia de seguros possui o capital de 300:000\$000 rs., e recebe, de seguros, 100:000\$000 rs. Pagando o juro aos possuidores das apolices, distribue um regular — um excellente dividendo aos accionistas.

Supponha-se, porém, que n'um anno ou em dois, o incendio destruiu armazens de vinho, seguros em algumas centenas de contos, ou arrazou uma edificação por igual segura em muitos contos de reis. A companhia seguradora não soffrerá um violentissimo abalo, e, por conseguinte, os accionistas não deixarão de receber um dividendo regular?

Incontestavelmente.

Pois apesar de tudo isto, as companhias de seguros, que são bastantes entre nós, não se importam com a existencia das companhias d'incendios, quasi que as desconhecem, sem saberem, ou fingindo não saberem, que ellas são as deffensoras dos seus interesses e que para ellas trabalham com a dedicação dos nobres espiritos que se sacrificam por amor do bem geral.

E a esses sacrificios repetidos, as companhias de seguros pagam com uma indifferença que bem poderemos chamar criminosa; ellas, na doce paz que disfructam os que não preveem os perigos, e não tractam de se prevenir contra elles, lembram-se dos bombeiros unicamente quando os veem, ou então quando o incendio, na sua impetuosidade desesperada, abraça e destroe um vasto armazem, que o proprietario segurou n'uma porção de contos de reis!

Então sim; os directores, lastimam-se, e os accionistas choram, porque nem uns nem outros querem os seus capitales desbaratados.

Na Inglaterra e em França, as corporações d'incendios são especialmente tractadas pelas companhias de seguros; entre nós, . . . o proprio accionista, que é o que mais tem a lucrar, não se levanta n'uma reunião d'assembleia geral e não pede para que se reforcem com seguros elementos as guardas sempre alerta do seu capital!

Este proceder corre parelhas com o de muitos individuos, que gritando contra o lançamento d'impostos, assignaram, por espirito de partido, representações a favor das medidas tributarias do actual sr. Gomes, ministro da fazenda!

Em resumo. Os municipios, que teem outros encargos a cumprir, designam para o serviço d'incendios uma verba, importante é certo, mas pequena para atender a todas as necessidades. O que as camaras não podessem dar deviam as companhias de seguros fornecer, por que teem obrigação, diga-se a verdade, por que teem obrigação restricta de fazel-o, visto que são as directamente beneficiadas.

Mas... como é vergonhoso dizel-o!.. ha poucos dias ainda a corporação dos bombeiros voluntarios realisava um basar ao qual concorreram quasi todos os artistas, negociantes e industriaes do Porto; pois das companhias d'incendios, só uma é que acudiu ao appello da associação benemerita, e essa mesma não era nacional — era ingleza.

Em face d'isto, ninguem nos acoimará de exagerados se lembrarmos o seguinte, que, a executar-se, bons resultados daria.

O governo devia ordenar, se para tanto tem poder, que as companhias seguradoras concorressem com uma parte dos seus lucros para ajudar os municipios na sustentação das companhias d'incendios.

Nas camaras, podia um deputado apresentar uma proposta assim, que estamos certos, seria applaudida por toda a gente sincera, e só encontraria deffensores em toda a parte.

Continuaremos, que o assumpto merece mais longa discussão.

Bazar dos Bombeiros Voluntarios do Porto

Encerrou-se no dia 19 do passado o bazar de prendas que aquella corporação estabeleceu no Palacio de Crstal. Produziu a quantia de 4:081\$200 reis sendo o seu rendimento diario o seguinte:

Até 14 de setembro . . .	3:431\$945
Em 15 » » . . .	55\$560
» 16 » » . . .	74\$060
» 17 » » . . .	99\$105
» 18 » » . . .	72\$655
» 19 » » . . .	347\$955
	4:081\$280

Ficaram por vender prendas ainda no valor de cerca de 1:500\$000 reis e a que a Direcção dará o destino que julgar conveniente.

Bombeiros Municipaes do Porto

Com respeito aos exercicios que tem tido esta corporação foram-nos ministrados por pessoa fide-digna as seguintes informações:

Os exercicios regulamentares são de machina, de brigada e totaes. Os que tiveram logar todos os dias desde 23 d'agosto até 23 do passado não foram bem de nenhuma d'estas classes. Os exercicios regulamentares suppõem o pessoal já instruido e teem por fim a conservação e o progresso d'essa instrucção. Tratando-se de reorganisar o corpo de bombeiros municipaes o anno passado, começaram em abril na cerca de S. Lazaro, continuando em escala, uma serie d'exercicios elementares, que tiveram por fim não só dar ao pessoal a instrucção que não tinha, mas tambem examinar os membros da antiga companhia que deviam ser classificados pela nova inspecção dos incendios. Continuou depois a haver exercicios da mesma especie em menor numero, e, julgando finalmente em agosto ultimo o sr. Inspector que já seria tempo de começarem os exercicios regulamentares, quiz elle primeiro examinar de novo o estado do corpo.

Houve por isso 8 exercicios elementares para as secções de bombeiros e serventes sendo chamados de cada vez metade d'essas secções, fazendo a secção de bombeiros todo o serviço não só o que lhe compete, mas tambem o dos conductores; por isso que elles

teem não só de mandar no trabalho dos conductores mas tambem de os ensinar preparatoriamente para a escola. Depois d'estes 8 exercicios elementares, que tiveram lugar de madrugada, e durante os quaes, de tarde cada 1.º patrão preparou as guarnições das suas machinas, seguiram-se 22 exercicios completos de simulacros de fogo em que entraram 3 bombas e 1 carro de material, tocando a cada guarnição entrar 6 vezes. Além d'estas fingidas extincções, repetiram-se todas as manobras elementares, deixando-se porém a cada 1.º patrão o commando da sua guarnição, fazendo os instructores, os ajudantes e o sr. inspector apenas de jury para observar e notar no fim aos respectivos patrões os erros commettidos. Continuaram sempre presentes metade das secções de bombeiros e serventes e foram todos os exercicios de madrugada.

Verificou-se por occasião d'este curso a grande necessidade que houve de sujeitar o pessoal a este trabalho, na verdade um pouco violento, mas o pessoal aproveitou tanto com elle que o sr. inspector supõe não ser preciso voltar a outra faina igual. Nos 3 mezes que restam d'este anno seguem regularmente os exercicios de machina devendo effectuar-se ainda 4 de brigada e ha intenção de se fazer o total pela occasião do Natal, devendo tambem entrar os bombeiros voluntarios e constando-nos ser tambem convidada a corporação de Villa Nova.

Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa

O material d'esta associação compareceu nos mezes de julho e agosto proximos passados nos seguintes incendios: *Estação n.º 1.* — Julho 4. Rua do Moinho de Vento. — Julho 6. Rua Garrett. — Julho 7. Travessa da Laranjeira. — Julho 10. Rua Larga de S. Roque. — Julho 12. Páteo do Geraldês. — Julho 19. Rua do Arsenal. — Julho 21, Rua do Duque. — Julho 27. Rua da Vinha.

Estação n.º 2. — Julho 3. Calçada do Marquez de Abrantes. — Julho 4. Travessa da Galé, à Junqueira. — Julho 12. Páteo do Geraldês. — Julho 20. Rua Direita de Alcantara. — Julho 24. — Rua da Madre de Deus. — Julho 27. Rua da Vinha.

Estação n.º 1. — Agosto 3. Cerca da capella da Senhora da Guia. — Agosto 7. Rua Garrett. — Agosto 8. T. dos Romulares. — Agosto 22. Rua dos Calafates. — Agosto 24. T. do Cabral. — Agosto 30. T. da Conceição.

Estação n.º 2. — Agosto 6. Rua das Fontainhas, em Alcantara. — Agosto 7. Estrada dos Prazeres. — Agosto 26. Calçada da Estrella. — Agosto 27. Rua Borges Carneiro.

No mez de julho, o material da estação n.º 1 trabalhou em tres incendios, ganhando dois premios da associação por ser a primeira a comparecer. No incendio da rua Larga de S. Roque foi a unica machina que trabalhou.

Neste mesmo mez o material da estação n.º 2 trabalhou em tres incendios.

Em agosto o material da estação n.º 1 trabalhou na rua Garrett e ganhou o premio da associação por ser a primeira que compareceu. Foi a unica a funcio-

nar. No mesmo mez o material da estação n.º 2 ganhou dois premios da associação por ser a primeira a comparecer em dois incendios.

Incendio no Matadouro em Lisboa

Ardeu no dia 22 do passado uma parte importante do edificio do matadouro municipal, construido em 1861. O fogo começou no lado sul do pavimento superior que mede 111 metros quadrados, e que servia de deposito de palha e feno. Estavam ali em arrecadação 33:000 kilogrammas de palha e 1:675 de feno. Por baixo existia o estabulo do gado de serviço, que era n'aquella occasião 5 bois, 2 cavallos, 2 muares e 2 eguas.

Na abegoaria havia 68 bois e 12 carneiros. Estes animaes foram salvos pela dedicação dos empregados do estabelecimento e suas dependencias, que trabalharam para attenuar os effeitos do sinistro que destruia aquelle magnifico edificio.

Tambem foram dos primeiros a apresentar-se a trabalhar os soldados da estação municipal, tendo da do parte do incendio o n.º 159 da 3.ª companhia.

Como pôde snppôr-se, o fogo lavrou com violencia tal, que em pouco mais de 30 minutos o pavimento, onde se manifestara, parecia uma enorme fogueira, levantando-se as chammas a grande altura.

Os soccorros appareceram com rapidez, trabalhando ali as machinas n.ºs 2, 3, 5, 10, 12, 15 e 16, e os carros n.ºs 32, 34, 35 e 36, de mangueiras, e 22 e 23 de ferramentas, sob a direcção do sr. inspector dos incendios e seu ajudante sr. Lapa. Estiveram presentes os srs. vereadores de quasi todos os pelouros.

As perdas foram calculadas para cima de 5 contos de réis. O edificio está seguro na Bonança em 150.

O fogo foi dominado pela noite, e só no dia seguinte pelas 10 horas e meia da manha é que se deram por concluidos os trabalhos de rescaldo. De madrugada, quando o 1.º patrão Manuel Silverio tratava de refrescar, a um dos extremos, parte do solho e vigamento do pavimento superior já carbonizado, faltou-lhe um pedaço do solho, e caiu do pavimento superior na altura de 4 metros, recebendo no corpo leves contuzões, sendo por isso conduzido em trem a sua casa.

Foram suspensos tres empregados do matadouro até se saber qual fôra a causa porque horas antes tinham ido ao palheiro.

Queimaduras

No intento de sermos prestaveis aos nossos camaradas quando por infelicidade se queimem em algum incendio offerecemos-lhes a seguinte receita que desejamos nunca tenham occasião de experimentar.

Para tractar-se efficaçamente das queimaduras faz-se uma pasta com sabão raspado e aguardente, bem batida, até que forme uma pomada que se applica em uma camada bastante grossa sobre a parte doente, cobrindo-se logo com uma compressa.

Em pouco tempo desaparecem as dôres, e se passadas algumas horas ellas tornarem a apresentar-se não se tem mais do que molhar os pannos com alcool para que desapareçam de novo.

Diz-se que este meio é egualmente effizaz ainda mesmo que haja ferida; porém n'este caso, é preciso renovar o tratamento duas ou tres vezes por dia.

Ahi fica a receita. É de facil aviamento.

Incendios no Porto de 15 a 30 de Setembro

15 de setembro—Às 8 horas e meia da noute. Rua do Sã da Bandeira n.º 41 a 43. O predio que pertence a D. Julia Augusta de Campos era habitado na loja por Manuel Francisco Pereira com estabelecimento de confeitaria. O incendio declarou-se na armação da loja damnificando uma parte da armação e algumas garrafas com bebidas. Os prejuizos são avaliados em 50\$000 reis. A primeira bomba que compareceu foi a dos voluntarios seguindo-se-lhe a n.º 1, municipal. Attribute-se o incendio aos phosphoros que se tivessem inflamado, pois se retirou ainda uma caixa com grande porção. O fogo foi extinto pelo 1.º patrão ajudante dos Bombeiros Voluntarios e dous paisanos. Não estava ninguem em casa pelo que foi necessario arrombar-se a porta.

17 de setembro—Às 9 horas e meia da manhã. Rua do Montebello n.º 112. Ilha de João Manuel Gonçalves Guimarães, casa occupada por Anna Rosa e Maria Augusta. O incendio declarou-se no fogão communicando-se ao tapume onde fez pequeno estrago que foi combatido pela bomba municipal n.º 6. A casa tinha seguro na Bonança. A primeira bomba que compareceu foi a municipal n.º 6, seguindo-se-lhe a dos voluntarios.

21 de setembro—Às 10 horas da noite. Travessa de Germalde n.º 84, habitação de Maria Pereira. O fogo a pouco limitou os seus estragos pois foi de prompto extinto pelos visinhos.

24 de setembro—Às 3 horas da madrugada. Logar da Prelada, concelho de Bouças. O incendio declarou-se n'um palheiro da casa occupada pelo lavrador Antonio Luiz, pertença da casa de D. Francisco de Noronha e Menezes. O incendio destruiu o palheiro com a palha que ali estava arrecadada matando pela asphixia uma vacca pequena. Trabalharam na extinção a bomba municipal n.º 11 e o carro dos voluntarios, sendo aquella bomba a que primeiro compareceu seguindo-se-lhe a bomba d'aquella corporação. Os prejuizos ascendem a 100\$000 reis.

24 de setembro—Às 5 horas e meia da tarde. Rua de Santa Thereza n.º 9. Baixos do Novo Café da Graça onde está estabelecida uma officina de relojoeiro. A promptidão dos soccorros ministrados pelos visinhos evitou que o incendio progredisse e que fossem necessarios os soccorros publicos.

27 de setembro—Às 2 horas e um quarto da tarde. Rebate falso para a rua do Laranjal n.º 422. Deu causa a suspeita de que havia fogo o fumo que sahia d'um armazem de cereaes e uns toques d'apito que se ouviram.

Incendios na Provincia

Na madrugada do dia 17 do passado declarou-se incendio em uma casa na Ladeira da Forca, em Coimbra, pertencente ao sr. José Clemente Pinto e contigua à sua grande fabrica de massas. A casa estava arrendada, e havia na loja uma venda de vinho.

Acudiram as bombas, mas não poderam evitar o incendio total da casa.

Felizmente em razão da grossa parede que separa os predios, o incendio não se communicou à fabrica.

*
* *

Em Barcellos pelas 11 horas e 1/2 da noite do dia 18 do passado deram as torres signal de incendio na Fabrica Industrial Barcellense, estabelecida no Campo de D. Carlos, n'aquella villa, propriedade de Nogueira & Gavinho. Apesar de comparecer no local do sinistro muita gente e duas bombas, as chammas tomaram tal incremento que foi tudo reduzido a cinzas, podendo apenas salvar-se grande porção de cereaes — trigo e milho.

Ao que nos informam d'aquella localidade os voluntarios de Barcellinhos portaram-se bizarramente. Muito seria para desejar que a sua instituição ainda nascente se formasse em bases solidas de modo a prestar com mais efficacia os serviços que a população de Barcellos pôde ultimamente avaliar.

Os prejuizos sofridos pelos proprietarios da fabrica incendiada são muito consideraveis.

Pavoroso incendio em Lisboa.

Como é sabido decerto pela maioria dos nossos leitores na madrugada do dia 29 do passado um medonho incendio destruiu quasi totalmente o magnifico palacio do visconde de Ouguella, um dos maiores edificios de Lisboa e que toda a gente que visita aquella capital conhece bem.

Eis alguns pormenores da catastrophe que será lembrada por muito tempo:

Às quatro horas da madrugada os sinos da cidade deram signal de rebate, e quando os moradores procuravam no horizonte o fumo denunciador de incendio, uma columna densissima se elevava na atmospha, sahida do centro das edificações d'esse macisso e, impellida pelo vento nordeste, se estendia n'um penacho enorme por sobre o rio até ao lado do sul do Tejo.

O fogo tinha-se manifestado momentos antes em um palheiro ou cavallariça da rua do Crucifixo, que fica ao lado das trazeiras do palacio. Dera por elle um guarda nocturno que fizera toques de apito e pozera em alarme a visinhança. Quasi ao mesmo tempo que isto succedia para o lado da rua Nova do Almada, a violencia do fogo que lavrava no interior do deposito e armazem de moveis do sr. Vidal, despedaçava os taipaes da porta e montra d'aquella estabelecimento e rompia em grossas labaredas que chegavam a meio

da rua, elevando-se em espiraes de fumo densissimo, o que faz suppôr a muitos que o fogo antes de se manifestar para o lado da rua do Crucifixo, já existisse no deposito de moveis do sr. Vidal, onde por consequencia poderia ter tido origem.

Os soccorros, que foram promptos, convergiram para estes dois pontos e havia todas as probabilidades de localisar abi os effeitos destruidores do terrivel elemento; mas faltava o essencial, isto é, a agua nas bôcas de incendio.

Expediu-se immediatamente aviso à companhia, e enquanto se esperava que ella mandasse os seus empregados abrir os depositos que haviam de fornecer a agua precisa para funcionarem as machinas, que de todos os pontos corriam ao local do sinistro, sendo das primeiras a dos voluntarios, o fogo ia-se desenvolvendo, tomando incremento, illuminando com as suas chamas vivissimas parte da cidade e introduzindo-se pelas janellas superiores que deitam sobre o palacio, que em poucos momentos se tornou um completo brazeiro. Certamente, a não ser a circumstancia da indesculpavel falta de agua nas bôcas de incendio tal facto não se teria dado, e a dar-se não occorreria com a rapidez desastrosa que toda a gente presenciou consternada e que tão graves prejuizos produziu.

O combate tornou-se então geral, sendo as manobras executadas com a rapidez, energia e coragem peculiares dos nossos bombeiros. Tanto da rua do Crucifixo como da rua Nova do Almada o ataque era dirigido com bravura. Em cada uma d'essas ruas trabalhava incessantemente uma bomba a vapor. As demais machinas estavam tambem a postos. O terrivel inimigo zombava porem, d'estes valentes esforços, favorecido pelas condições espedias da construção do edificio, de modo que em pouco tempo estava senhor de uma vasta área de 105 metros por 8 de fundo, comprehendendo os predios da rua do Crucifixo que tem 33 janellas e o palacio da rua Nova do Almada, que tem 27 janellas e 12 portas, e rua Nova do Carmo que tem os numeros de policia de 2 a 24 e o corpo central com frente para o Chiado.

Era um espectáculo imponente, de que ha muitos annos não havia memoria em Lisboa, nem pelas enormes proporções que attingiu, nem pela importancia dos prejuizos que causou.

As chammas lavravam nos vigamentos, entrando pelas janellas dos diversos saguões, que se communicavam sem resguardo de especie alguma, indo damnificar todo o edificio de um a outro extremo e invadindo os compartimentos dos hoteis Gibraltar e Europa.

No primeiro, de que é proprietario o dono da fabrica de cerveja da Trindade, o sr. Domingos Moreira Garcia, estavam cerca de 33 hospedes, entre os quaes a sr.^a marquesa Talar e sua familia, seis membros do congresso, e o sr. consul de Hespanha. Felizmente poderam salvar todos os objectos, que lhe pertenciam, para o que muito contribuiu a dedicação e boa vontade do administrador do estabelecimento o sr. Reis e Sousa.

Um dos empregados do hotel, o sr. Manoel de Oliveira, quando se deram as vozes de alarme, foi ao mirante, mas como estivesse ainda escuro, cahiu pela escada fracturando a perna esquerda pela coxa.

O sr. Amzalak tambem prestou no hotel bons serviços, ajudando a salvar as mobílias dos inquilinos do lado do sul, e bem assim o sr. visconde do Rosario e o sr. Camacho, cujo atelier situado no alto do hotel, ficou felizmente intacto e pôde ser preservado das

chammas. Outro tanto lhe não succedeu á mobilia que tinha no hotel, e que não pôde salvar, não a tendo para maior infortunio no seguro.

N'esta occasião o policia n.º 107 da 2.^a divisão pôde salvar uma filha do sr. visconde do Rosario, que já estava cahida no sobrado por effeito do fumo que a asfixiava e um *aderece* no valor de réis 500\$000.

Durante o ataque espalharam-se os boatos aterradores. Cada derrocada, das muitas que se produziram ruidosas e violentas, era pretexto para noticiar um desastre não menos horrivel que o triste espectáculo que se estava presenciando. Ora se dizia que tinham morrido dois bombeiros, e citavam-se os numeros e os nomes, ora que tinham ficado quatro sapadores subterrados n'um dos quartos do pavimento do hotel Gibraltar que abatera; e cada ferido que conduziam ao hospital era mais um homem morto que vinha figurar na funebre estatística que a phantasia popular se apraz de expôr n'estas occasiões dolorosas.

Felizmente não eram verdadeiros esses boatos aterradores. Não ha a lamentar uma unica perda de vida. As desgraças mais graves que occorreram foram, a queda do bombeiro municipal n.º 115, Domingos José de Castro Heitor, na occasião em que deitava do primeiro para o segundo andar a escada crochet, auxiliado pelo seu camarada, 63. A escada creou balanço, e elle, para se suster, caiu conjunctamente com ella da altura de um primeiro andar. Ficou bastante contuso no ante-braço esquerdo e na região frontal.

Recebeu os primeiros soccorros no posto medico na rua Nova do Almada e foi recolhido na enfermaria particular. A outra foi na occasião de uma derrocada que apanhou o soldado n.º 136 da 6.^a companhia de engenheiros, José Duarte, entalando-o entre a parede e o soalho que acabava de abater. Apenas soffreu algumas contusões pelo corpo.

Foi recolhido no hospital de S. José. N'essa mesma occasião foi tambem colhido o bombeiro n.º 96, que ficou contuso. Esse recebeu os primeiros soccorros no banco, e foi conduzido em seguida para sua casa.

Além d'estes foram mais curar-se ao banco do hospital, de ligeiros ferimentos, uns dez individuos. A direcção dos trabalhos, em razão da ausencia do sr. inspector, coube aos dous ajudantes, os srs. Conceição e Lapa, coadjuvados pelos quatro chefes de companhias.

Os prejuizos são importantes, não obstante haver bastantes salvados. O fogo lavrou n'uma extensão de 1:500 metros quadrados causando prejuizos nas propriedades, que não será exagerado avaliar em oitenta contos.

Os prejuizos totaes devem ser superiores a 200 contos.

Trabalharam cerca de 1:500 pessoas, bombeiros voluntarios de Lisboa e de Belem, bombeiros municipais de Lisboa, Belem e dos Oliveas, contingentes dos corpos da guarnição e dos navios de guerra, etc.

Eis o relatório rapido dos diferentes seguros, designando qual a responsabilidade das diversas companhias seguradoras, relatório que, posto seja bastante desenvolvido, não foi possivel, todavia, tornar tão exacto como era para desejar. Ha, além dos valores mencionados, outros muitos comprometidos que se ignora em que companhias estão seguros, ou se o estão.

Propriedade que se compõe de lojas 1.º e 2.º andar para a rua Nova do Carmo e entrada com frente

ao Chiado e para a rua Nova do Almada, 102 a 106, compondo-se de lojas, sobre-loja, 1.º e 2.º andar, tendo frente para a rua do Crucifixo, n.ºs 81 a 137, compondo-se de lojas e cinco andares, pertencentes ao visconde de Ouguella, está seguro em 200:000\$000 réis dividido da forma seguinte: La União y El Fenix 55:000\$000 réis; Fidelidade 35:000\$000 réis; Bonança 30:000\$000 réis; London & Lancashire 30:000\$000 réis; Norwich Union 30:000\$000 réis; Garantia réis 20:000\$000.

Na rua Nova do Carmo, 16, 1.º andar, hotel da Europa, pertencente á sr.ª D. Radegonde Gachet, está seguro na companhia La Union y El Fenix Español em 10:000\$000 réis, tem pouco prejuizo e 4:000\$000 réis na Fidelidade.

Ha nas lojas diferentes estabelecimentos que não soffreram prejuizo.

Rua Nova do Carmo, 2, hotel Gibraltar, pertencente a Domingos Garcia Moreira, seguro em 25:000\$000 réis, dividido nas seguintes companhias: Fidelidade 5:000\$000 réis; Bonança 5:000\$000 réis; Segurança 5:000\$000 réis; Queen 5:000\$000 réis; Norwich Union 5:000\$000 réis. Atelier do snr. Camacho ficou intacto.

Na rua Nova do Almada, n.ºs 102 e 104, deposito de moveis de Victorino Francisco Moreira Vidal, está seguro na companhia Bonança em 3:000\$000 réis, prejuizo total.

No mesmo deposito de moveis tinha a firma Leuco & Viuva Canongia, um armazem de pianos seguro na companhia La Union y El Fenix Español, em 3:500\$000 réis, prejuizo total.

Rua Nova do Almada, n.º 104, sobre-loja, Saturnino Peres, chapéus de senhora, seguro na companhia Bonança, em 1:200\$000, teve algum prejuizo.

Rua Nova do Almada, n.º 106, Bernardo Ferreira, officina de chapéus de sol, seguro na Fidelidade, tem algum prejuizo.

Rua Nova do Almada, 108, Antonio Baptista Barreiro, chapéus de senhora, seguro na companhia Douro, tem prejuizo.

Rua Nova do Almada, 110, Antonio José da Fonseca, loja de sapateiro, seguro na companhia Norwich, em 1:000\$000 réis, tem prejuizo.

Rua Nova do Almada, 112, Thomaz José de Aguiar penteeiro, seguro na companhia Norwich, tem prejuizo.

Rua Nova do Almada, 114, loja de chapéus de Manoel Machado, seguro na companhia Fidelidade em 2:500\$000, tem prejuizo.

Rua nova do Almada, 116, rez do chão, Sessetti & C.ª, deposito de pannos, seguro na companhia Bonança, em 8:000\$000 réis, tem prejuizo.

Rua Nova do Almada, 115, sobre-loja, Celestino Barella, tem seguro mas ignora-se a companhia.

Rua Nova do Almada, 116, 1.º J. Keil, alfate, seguro em 24:000\$000, sendo Bonança 2:000\$000 réis Queen 8:000\$000, Norwich Union 14:000\$000, tem prejuizo.

Rua Nova do Almada, 116, 2.º, visconde do Rosario, mobilia segura na Fidelidade em 8:000\$000 réis.

Rua Nova do Almada, 116, 2.º J. Camacho, photographo, a mobilia não tinha seguro e perdeu tudo.

Rua Nova do Almada, 118, loja, camisaria pertencente a Joaquim Thomaz de Seixas, seguro na companhia Fidelidade em 2:500\$000 réis, não tem prejuizo.

Rua Nova do Almada, 120 e 122, loja de penteeiro e tabacos, pertencente a João Baptista Mora, segu-

ro na companhia Fidelidade em 2:000\$000 réis, não tem prejuizo.

Rua Nova do Almada, 126, loja de chapéus de chuva, seguro na Fidelidade não tem prejuizo.

Rua do Crucifixo, 83, loja de sapateiro, seguro na companhia Fidelidade em 500\$000 réis, tem prejuizo.

Rua do Crucifixo, 87, 1.º esquerdo, João Fernandes, officina de encadernador, seguro na Fidelidade, tem prejuizo.

Rua do Crucifixo, 87 1.º, direito. Antonio da Costa Guerra, deposito de moveis e louças seguro na Fidelidade, em 4:000\$000 réis.

Rua do Crucifixo, 87, 2.º, direito, D. Maria da Gloria, tem seguro na companhia Previdencia em reis 1:000\$000 não tem prejuizo.

O palacio incendiado, vulgarmente chamado do Manoel dos Contos, do barão de Barcellinhos, e hoje do snr. visconde de Ouguella, fôra o antigo convento do Espirito Santo, que o terremoto de 1755, e incendio que lhe seguira completamente destruiu ha 125 annos, menos 32 dias.

O convento do Espirito Santo dos padres da congregação do oratorio de S. Filippe Nery, era já reedificação mandada fazer por el-rei D. Manoel em 1514 sobre as ruinas de outro que n'aquelle mesmo local estava erecto em 1279.

Foi em 1674 que para alli vieram os oratorianos que até então habitavam outro edificio na rua Nova do Almada, no sitio então chamado as Fangas da Fariinha.

Até que o terremoto o destruiu, o convento do Espirito Santo foi escola publica gratuita de grammatica, philosophia e theologia, que os padres congregados ensinavam com muita dedicacão. Quatro d'esses padres morreram com outras pessoas que estavam na egreja na occasião do grande cataclismo.

A magnifica escada do actual palacio, que é hoje a do hotel Gibraltar, é uma das mais bellas de Lisboa occupa exactamente, com o vestibulo de entrada, o logar da antiga egreja do Espirito Santo.

Os congressistas abriram entre si uma subscripcão e enviaram-na ao presidente da camara para os dez bombeiros feridos no incendio.

A VOLTA DO MUNDO

NOVO JORNAL DE VIAGENS

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

O MELHOR E MAIS COMPLETO

JORNAL DE VIAGENS E DE ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS

ATÉ HOJE CONHECIDO

Assigna-se na Succursal Geral — Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66.

Porto—Typographia Occidental, rua da Fabrica, 66.